

Capítulo 1

PERFIL BRASIL



Dimensão Geofísica

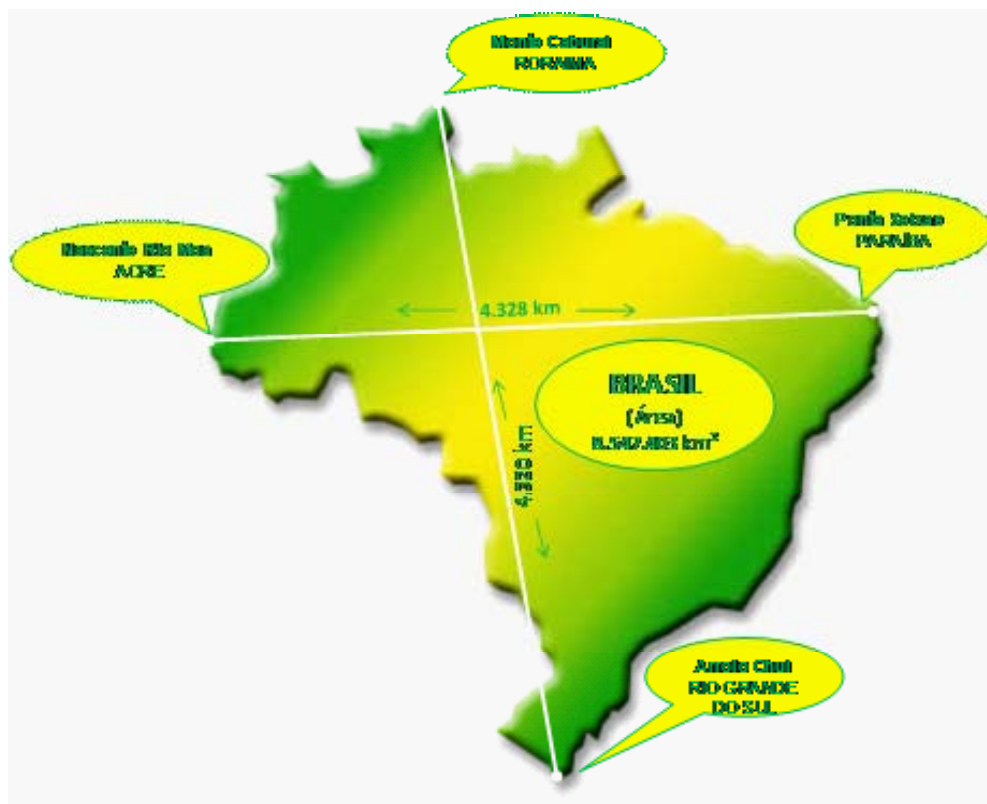
Figura 1
BRASIL: SITUAÇÃO GEOGRÁFICA



Geograficamente o Brasil, parte integrante da América do Sul, exerce soberania político-geográfica sobre uma extensão territorial da ordem de 8.514.876 km², cerca de 47% do Continente Sulamericano. Em área contínua é o 4º maior país do mundo, concorrendo com: Rússia (17,075 Mkm²), Canadá (9,976 Mkm²), China e (9,597 Mkm²). Incorporando o domínio da plataforma continental – área denominada pela Marinha do Brasil de ‘*Amazônia Azul*’ – adicionam-se 4,5 Mkm², conformando-se uma nova área de 13.014.876 km².

O posicionamento geopolítico do País, oferece as melhores condições estratégica e logística para entrada no Bloco Mercosul, na medida em que tem o privilégio de uma extensa faixa litorânea Atlântica (7.367 km) e, por outro ângulo, fazer fronteira com dez repúblicas sulamericanas (15.719 km): Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela e Guiana Francesa.

Figura 2
PONTOS EXTREMOS DO BRASIL: N-S E L-W

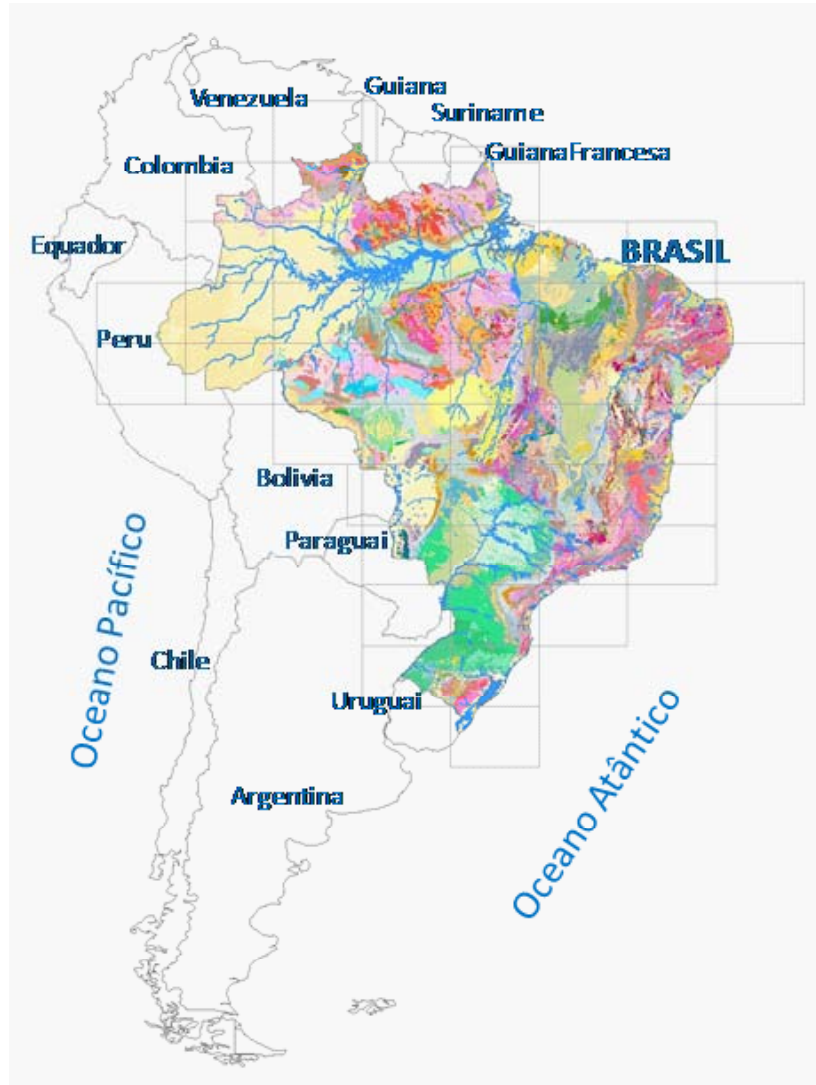


Os pontos extremos do País apresentam surpreendente equidistância métrica linear, no sentido Norte-Sul (Monte Caburaí-RR – Arroio Chuí-RS) e Leste-Oeste (Nascente do rio Moa-AC – Ponta Seixas-PB), 4.328 km e 4.320 km, respectivamente.

O ponto culminante é o pico da Neblina, com 2.994 m de altitude, na Serra do Imeri, município de São Gabriel da Cachoeira, norte do Estado do Amazonas.

O clima tropical, em prevalência, o Brasil insere em seu território parte significativa dos biomas: Floresta Amazônica, Mata Atlântica e Pantanal. Encerra ainda as regiões do Semiárido (Caatinga), no Nordeste, e do Cerrado, no Centro-Oeste do País.

Figura 3
MAPA GEOLÓGICO DO BRASIL



Geologicamente, o País está inserido na Plataforma Sul-Americana. Teoricamente, essa Plataforma envolve a porção continental da placa homônima que permaneceu estável e funcionou como antepaís durante a evolução das faixas móveis do Caribe (norte) e Andina (oeste), associada a movimento geotectônicos de desenvolvimento do Atlântico Sul, no Meso-Cenozóico.

O Brasil ocupa a maior parcela do domínio (>75%) da Plataforma Sul-Americana. Compartilham ainda dessa unidade tectônica fanerozóica: Colômbia, Venezuela (parcial), Guiana, Suriname e Guiana Francesa ao norte. Bolívia, parcialmente incluída na porção mais ocidental. Paraguai e o Uruguai, ao sul. Inclusive as partes central e setentrional da Argentina.

Admite-se que a composição complexa da Plataforma Sul-Americana refletiria a história policíclica de seu embasamento, do Paleoarqueano (ca. 3,5 Ga) ao Eo-Ordoviciano (ca. 0,50–0,48 Ga). No Brasil, estes magno-eventos de interações e fusões, apresentam-se bem preservados, com evidências ao longo do Proterozóico e no Fanerozóico.

No mapa geológico do Brasil, é notória a prevalência de dois domínios geotectônicos: Crátons Amazônico (~4,4 Mkm²) ou Guinês (ao norte) e Guaporé ou Escudo Brasil-Central (ao sul), seccionados pela Grande Sinéclise do Amazonas (Bacias do Acre: 905.000 km²; Solimões: 500.000km² e Amazonas: 515.000 km²). São contextos geotectônicos distintos quanto à composição, à organização e à geogênese.

É neste ambiente que a Geodiversidade (Fig. 03) condiciona todas as vantagens comparativas das jazidas de classe internacional, associadas às Províncias Mineraiis – ‘Polimetálica de Carajás’, ‘Manganesífera da Serra do Navio’, ‘Polimetálica do Mapuera’, ‘Estanífera de Rondônia’, ‘Aurodiamantífera Roosevelt-Aripuanã’, ‘Auríferas do Alto Guaporé’, ‘de Alta Floresta’ e ‘do Tapajós’; ‘Quadrilátero Ferrífero’ etc. – e assegura as vantagens competitivas ao Mineralnegócio do Brasil.

Dimensão Sócio-econômica

Figura 4
DIAGRAMA: O BRASIL EM 'GRANDES NÚMEROS'

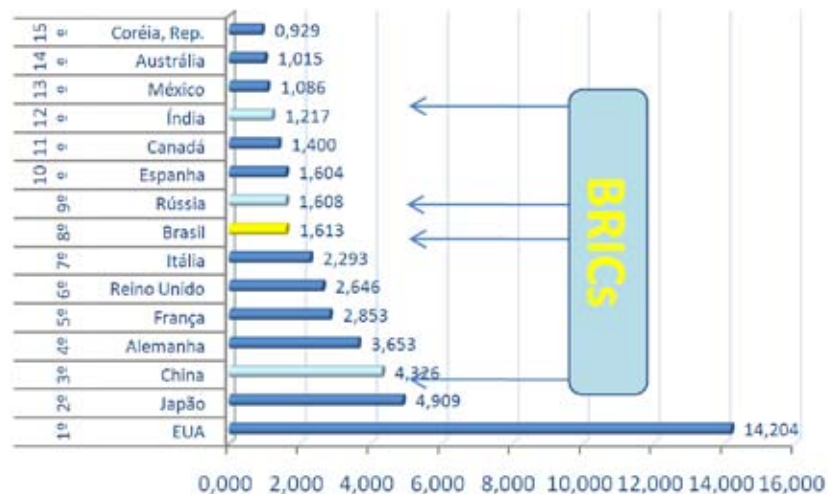


Economicamente, a análise comparativa considerando os grandes números de Área Territorial, População e Produto Interno Bruto (PIB), destaca o Brasil na interseção do diagrama-conjunto, ao lado dos EUA e China, superando alguns concorrentes imediatos, categorizados no grupo dos emergentes rotulado de BRIC, com Índia e Rússia.

A propósito, para efeito de composição análise, adotou-se como referência: Área superior a 5 Mkm², População acima de 150 milhões de habitantes e PIB maior do que US\$ 600 milhões (Fig. 04).

Conforme relatório do Banco Mundial (out.-2009), a economia mundial gerou US\$ 60,6 trilhões de riquezas, em 2009. No *ranking* das maiores economias mundiais, liderado pelos EUA, o Brasil posiciona-se entre os dez Países com Produto Interno Bruto (US\$ 1,613 trilhões) mais elevado, o que significa 2,66% da riqueza gerada, suplantando economias emergentes dos BRICs, como: Rússia e Índia.

Figura 5
ECONOMIA MUNDIAL: RANKING DOS PAÍSES (PIBS)



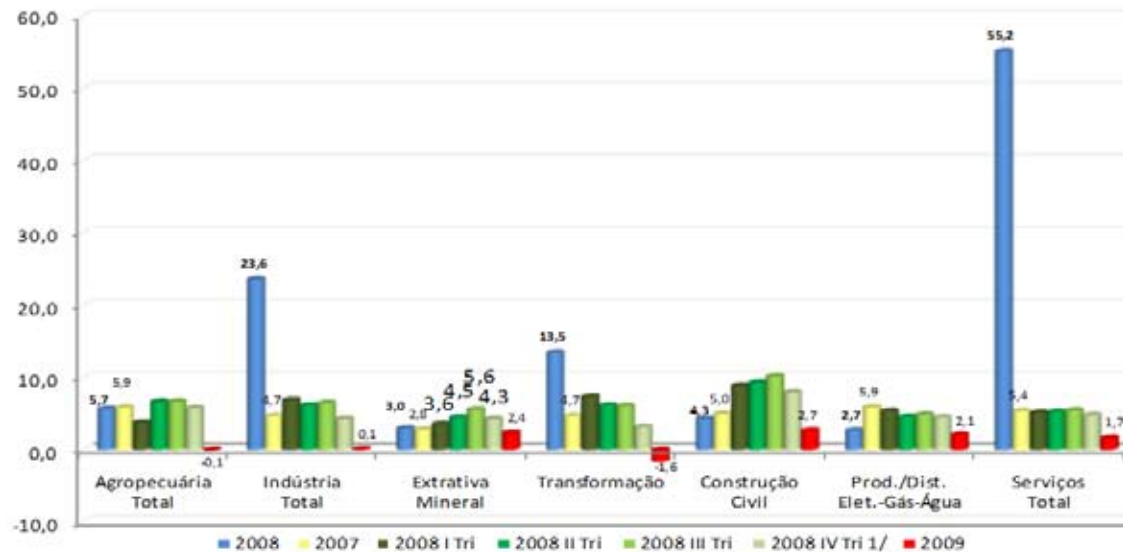
Na recente crise econômica de amplitude global, o Brasil surpreende o mundo pela competência no amortecimento dos impactos, mostrando-se preparado para o enfrentamento e superação do processo recessivo no comércio externo. Entre os trunfos reconhecidos internacionalmente destacam-se:

- i) fundamentos macroeconômicos sólidos;**
- ii) potencial de seu mercado interno;**
- iii) existência de planos firmes de investimento** (PAC – Plano de Aceleração do Crescimento), principalmente em infraestrutura, marcados por alto retorno e baixo risco;
- iv) sistema bancário fortalecido**, solvente e sujeito a um sistema de regulação transparente e eficiente; e
- v) bancos públicos capazes de adotar uma postura anticíclica**, expandindo crédito em momento de crise de confiança nos mercados.

Ademais, neste ambiente de incerteza, mesmo registrando quedas expressivas do PIB de 3,4% e 1,0% no 4ºT2008 e no 1ºT2009, respectivamente, a recuperação econômica do País confirmou-se com a expansão de 1,9% do PIB no 2ºT2009.

Importa destacar que essa retomada do crescimento foi liderada pelo consumo das famílias, com um crescimento de 2,1% no período. Por outro ângulo, os investimentos também apresentam significativa recuperação: após uma queda de 12,3% da FBCF no 1ºT2009, mantém-se estável no 2ºT2009 em relação ao primeiro.

Figura 6
PIB BRASIL: DESEMPENHO SETORIAL



Conclusivamente, a recuperação firme do consumo das famílias combinada com o aumento progressivo do nível de utilização da capacidade instalada da indústria, apresentam-se como elementos de sustentabilidade para uma retomada mais expressiva dos planos de investimento no 2ºSem-2009.

É neste contexto histórico evolutivo PIB brasileiro que a Indústria Extrativa Mineral (Fig. 06), no período de *boom* dos preços (2004-2008), tem apresentado índices de crescimento expressivos, acima de 5% a.a.

Risco-País

A avaliação positiva do Brasil como *'porto seguro'* de investimentos é traduzida pelos indicadores de risco soberano e pelo volume de Investimentos Externos Diretos (IEDs). No ano de 2008 o País alçou ao grau de *investment grade*, reconhecido pelas agências de riscos S&P e Fich. Mais tardiamente, pela Moody's (set-2009).

A solidez dos fundamentos macroeconômicos do Brasil foi submetida a teste definitivo ao demonstrar resistência no enfrentamento e superação da crise econômica-financeira de amplitude internacional, agravada a partir de meado de 2008.

Figura 7
RISCO PAÍS: BRASIL VS PAÍSES EMERGENTES

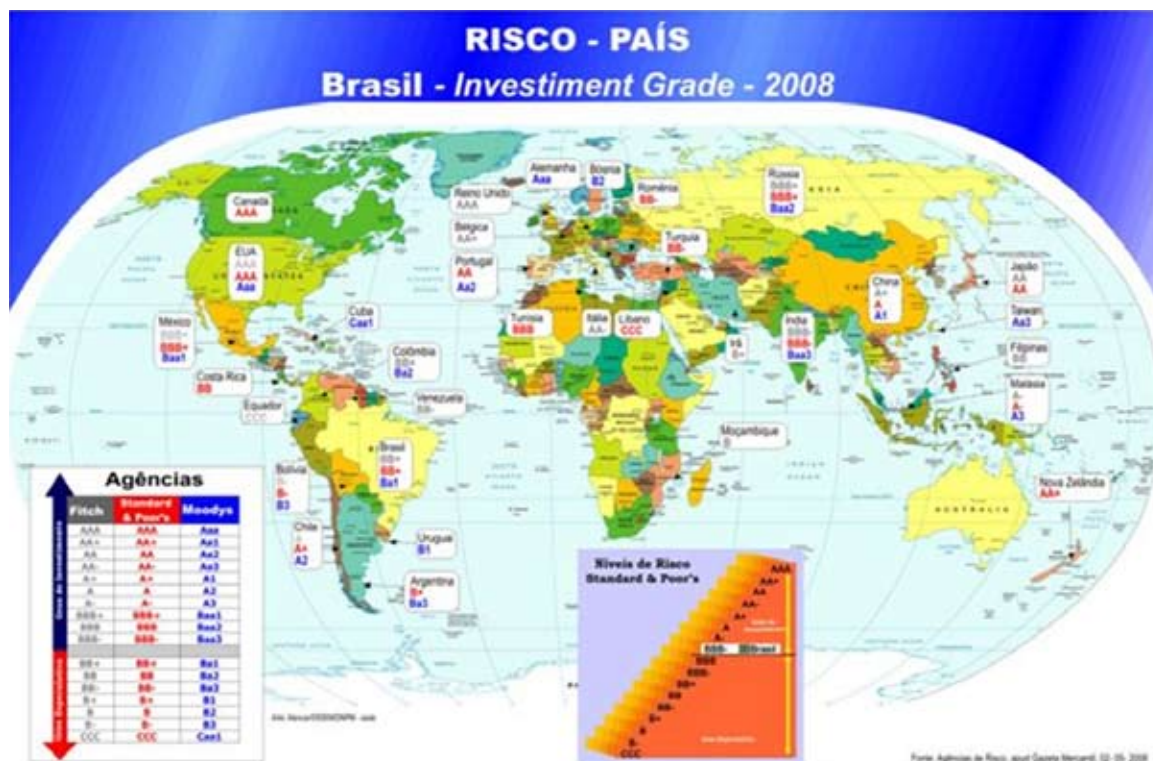
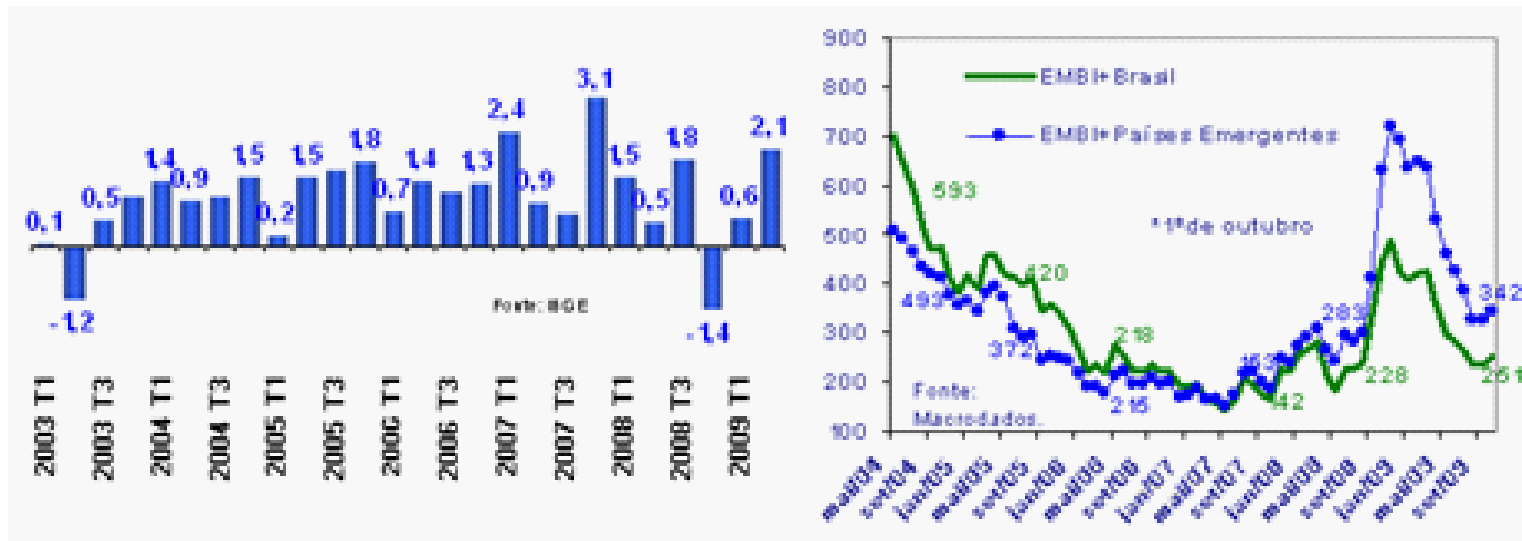
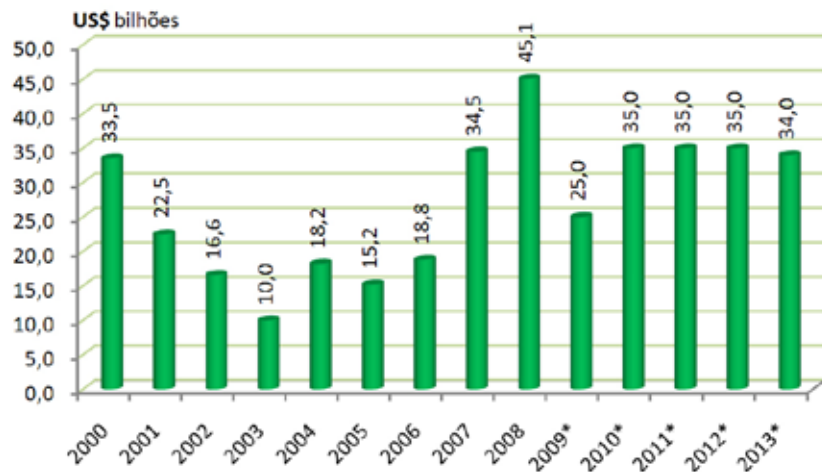


Figura 8
RISCO PAÍS: BRASIL VS PAÍSES EMERGENTES



Compete destacar que, no pós-crise, o indicador EMBI+ mostra um claro distanciamento do risco-Brasil em relação à média dos países emergentes (Fig. 08).

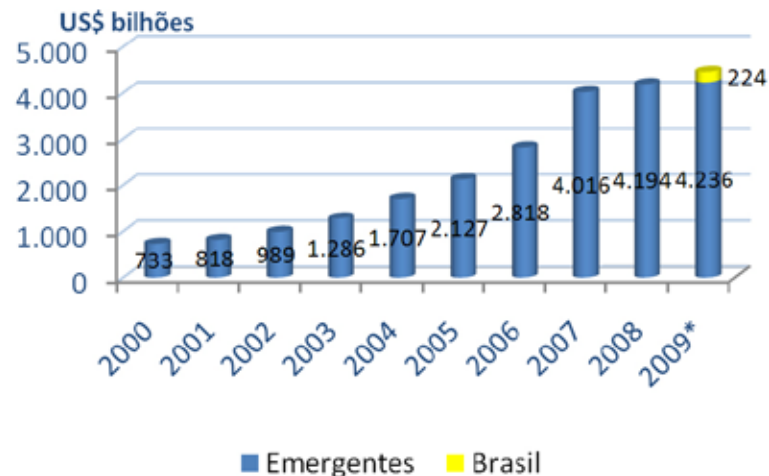
Figura 3
BRASIL: INGRESSO DE IEDS 2000-2009



Por outro ângulo, o nível de reservas internacionais do País, acima de US\$ 200 bilhões, superando recordes históricos sucessivos (US\$ 236,1 bilhões, 23nov2009), assegura um colchão de liquidez importante em um momento de restrição financeira internacional, associado ao aumento da aversão ao risco das empresas, ante o cenário econômico de profunda incerteza quanto aos desdobramentos da crise global.

O Brasil posiciona-se definitivamente na rota dos fluxos de financeiros, tornando-se um dos principais alvos para os investidores estrangeiros, conforme cenários de mercado otimistas sobre o ingresso de IEDs no País em 2010-2013 (Fig. 03).

Figura 4
RESERVAS INTERNACIONAIS: BRASIL VS PAÍSES EMERGENTES

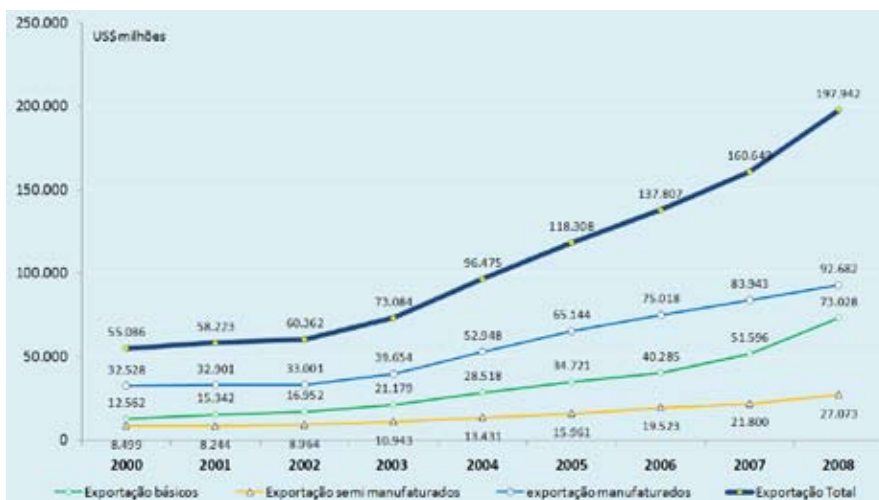


Conforme relatório da UNCTAD (*World Investment Report*, 2009), os impactos da crise mundial sobre os investimentos externos diretos (IED) se fizeram sentir gradualmente nos últimos dois anos. Primeiro sobre os países desenvolvidos e, um pouco mais tarde, sobre os demais países. Com efeito, depois de um período ininterrupto de crescimento, de 2003 a 2007, os IED-Global caiu -14% em 2008, para US\$ 1,7 trilhão, de um pico de US\$ 2,0 trilhões em 2007. Em 2009, a desaceleração do investimento foi ainda maior.

É neste ambiente que, após recordes consecutivos de ingresso de IEDs no Brasil, no último biênio: 2007 (US\$ 34,5 bi) e 2008 (US\$ 45,1 bi), 83,5% e 30,7%, respectivamente, as projeções do Banco Central apontam para um montante de US\$ 25 bilhões em IEDs, em 2009. Contudo, não obstante a queda no ritmo de ingressos de IEDs (-27,5%), há que se reconhecer o significado desse volume em ano marcado pelos efeitos negativos da crise global.

Comércio Exterior

Figura 1
BRASIL: DINÂMICA DAS EXPORTAÇÕES 2000-2008

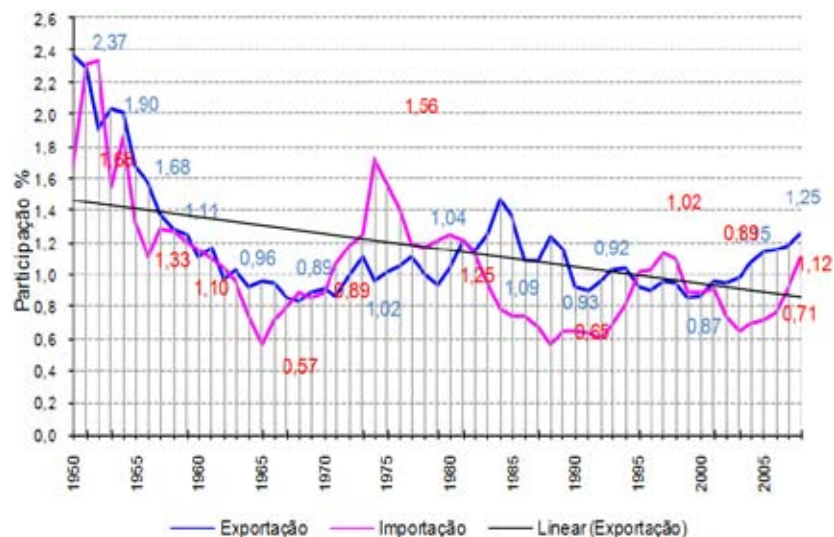


A crise econômica impactou fortemente o comércio mundial. Entretanto, os movimentos e as perspectivas mais recentes de mercado sinalizam melhora para um futuro próximo. Projeções do FMI divulgadas no início de outubro indicam queda (-11,9%) no *quantum* das exportações para 2009, antevendo início de recuperação em 2010, admitindo uma taxa de crescimento de 2,5%, revidendo a estimativa anterior de crescimento do comércio de apenas 1% em 2010.

Em valor, o FMI estima que o comércio mundial reduza (-23%) em relação a 2008. As exportações mundiais de bens e serviços deverão ser de US\$ 15,2 trilhões em 2009, após sucessivos recordes anuais, registrando o valor de US\$ 19,7 trilhões no ano passado. Para 2010, mesmo admitindo melhora, a projeção do FMI é de que o comércio de bens e serviços seja de US\$ 16,5 trilhões, ainda bem aquém do valor anterior à crise.

A estimativa do valor das exportações de bens do Brasil é da ordem de US\$ 158 bilhões para 2009, valor próximo do verificado no acumulado dos últimos 12 meses até setembro e ao registrado em 2007. Confirmando-se a estimativa, a queda das exportações seria de -19% em relação a 2008 e, portanto, inferior às taxas esperadas para o comércio mundial.

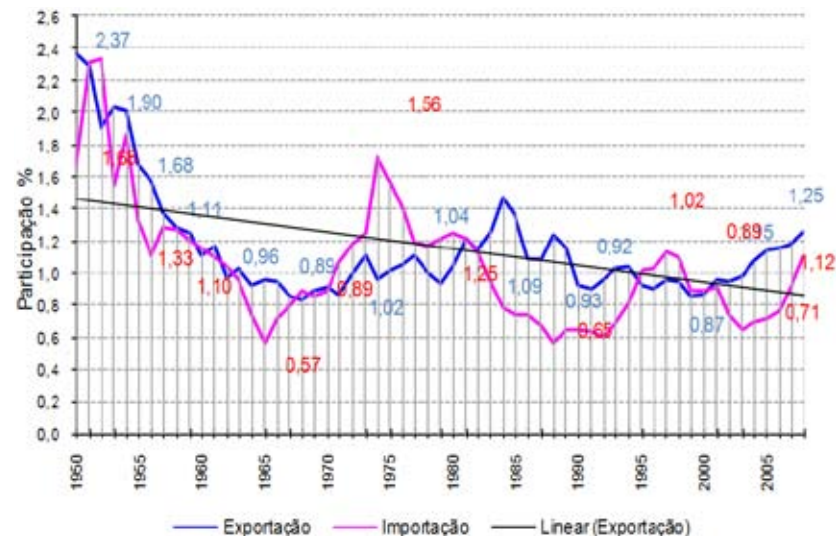
Figura 5
COMEX – BRASIL: PARTICIPAÇÃO NO FLUXO
DE COMÉRCIO EXTERIOR MUNDIAL



A participação do Brasil, no fluxo de comércio exterior global (*export + import*), ainda que modesta, mostra-se crescente, quando considerado o período recente de 2000-2008. Em 2008, o País alcançou os níveis de 1,21% e 1,12% no cômputo geral de exportações e importações, respectivamente.

A expectativa é de que, no curto prazo, alcance o patamar de 1,5% do comércio global, onde as *commodities* agrícolas e minerais assumem importância significativa na balança comercial.

Figura 5
DINÂMICA SETORIAL DAS EXPORTAÇÕES – 2008



A análise sobre a dinâmica das exportações setoriais (2008) evidencia prevalência significativa do Setor Primário na composição das receitas geradas pelas exportações, destacando-se: petróleo (40,4%), cereais/soja (43,7%) e extrativismo mineral (34,0%).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. Mineralnegócio: Guia do Investidor no Brasil / *Mineral Business: Investor's Guide in Brazil*. Coord. Antonio Fernando da S. Rodrigues. Brasília; DNPM, 2006. 146 p.

BNDES. *Panorama Mundial: O desempenho da economia mundial e perspectivas para os próximos anos*. In: Sinopse Internacional. Autores: Alem, A.C., et alii. BNDES: Rio de Janeiro, n. 12, set. 2009. 36 p.

_____. *Dimensionamento do Potencial de Investimentos*. In: Sinopse Internacional. Autores: Leandro Badini Villar & Dalmo dos Santos Marchetti. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 24, p. 261-290, set. 2006.

Pedreira da Silva, A.J. et. alii.. *Bacias Sedimentares Paleozóicas e Meso-Cenozóicas Interiores* (Capítulo II). In: Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil. Brasília: CPRM, 2003. p. 55-85. Dispo-

nível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/media/capII.pdf>. Acesso em : 07nov2009.

Santos, J.O.S. *Geotectônica dos Escudos das Guianas e Brasil-Central*. (Capítulo IV). In: Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil. Brasília: CPRM, 2003. p. 169-195. Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/media/cap_IV_a.pdf. Acesso em : 07nov2009.

Schobbenhaus, C. & Neves, B.B.B. *A Geologia do Brasil no Contexto da Plataforma Sul-Americana*. (Capítulo I). In: Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil. Brasília: CPRM, 2003. p. 05-25. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/media/capI-a.pdf>. Acesso em : 07nov2009.

Torres, L.C. & Ferreira, H.S. *Amazônia Azul: a fronteira brasileira no mar*. Brasília: CAAML, 2005. Disponível em: https://www.mar.mil.br/menu_v/amazonia_azul/amazonia_azul.htm. Acesso em 07dez2009.

RECURSOS & RESERVAS MINERAIS
Disponibilidade primária mundial – 1950-2008

MINÉRIO	Mineral	Recursos & Reservas Minerais			
		1950	1974 (t)	2000	2000-1950 50 Anos □ %
Bauxita/Bauxite	Al	1.4×10^9	1.6×10^{10}	3.5×10^{10}	25.0x
Copper	Cu	1.0×10^8	3.9×10^8	6.5×10^8	6.5x
Ouro/Gold	Au	3.1×10^4	4.0×10^4	7.7×10^4	2.5x
Ferro/Iron ore	Fe	1.9×10^{10}	8.8×10^{10}	3.1×10^{11}	16.3x
Chumbo/Lead	Pb	4.0×10^7	1.5×10^8	1.3×10^8	3.25x
Níquel/Nickel	Ni	1.4×10^7	4.4×10^7	1.5×10^8	10.7x
Fosfato/Phosphate rock	P	2.6×10^9	1.3×10^{10}	3.7×10^{10}	14.2x
Prata/Silver	Ag	1.6×10^5	1.9×10^5	4.2×10^5	2.6x
Cassiterita/Cassiterite	Sn	6.0×10^6	1.0×10^7	12.0×10^6	2.0x
Zinco/Zinc	Zn	7.0×10^7	1.2×10^8	4.3×10^8	6.1x
Carvão/Coal	...	6.0×10^{10}	6.5×10^{11}	9.8×10^{11}	16.3x
Petróleo/Oil (bbl)	...	8.0×10^{10}	7.2×10^{11}	1.05×10^{12}	13.1x
Gás/Natural Gas (m³)	...	4.7×10^{12}	2.2×10^{15}	1.5×10^{14}	31.9x

Fonte/Source: USGS; BP Statistical Review of World Energy.

The Petroleum Handbook, Royal Dutch/Shell Group of Companies, Fifth edition, 1966, IEA (several), UN-Statistical Yearbook.

Nota/Note: Unidades em toneladas (t), exceto Petróleo (bbl) e Gás-GNP (m³).

